

O CORPO DA POESIA THE BODY OF POETRY

Vitor Alevato do Amaral¹

RESUMO: O presente texto consiste na resenha de *The Body of Poetry. Essays on Momen, Form, and the Poetic Self* (O corpo da poesia. Ensaaios sobre mulheres, forma e o “eu” poético), da poeta, ensaísta e tradutora norte-americana Annie Finch. A autora cobre variados assuntos sem perder de vista o objetivo de discutir o “corpo da poesia”, elemento para o qual todos os tópicos (mulheres, forma, crítica, tradução, etc.) convergem. O livro traz uma mensagem de tolerância e colaboração no campo literário, além de enfatizar a necessidade de que pensamentos há muito estabelecidos sejam revistos.

PALAVRAS-CHAVE: poesia, tradução, crítica literária, tradição, forma.

ABSTRACT: The present text consists of the review of the *The Body of Poetry. Essays on Momen, Form, and the Poetic Self*, by the American poet, essayist and translator Annie Finch. The author covers a broad range of subjects without losing sight of the aim of discussing the “body of poetry”, and it is on poetry that the all topics (women, form, criticism, translation, etc.) converge. The book bears a message of tolerance and collaboration in the literary field. Moreover, it emphasizes the necessity of reviewing old-established thoughts.

KEY-WORDS: poetry, translation, literary criticism, tradition, form.

Pouco conhecida no Brasil, Annie Fich tem se firmado como um dos principais nomes da poesia e do ensaio nos Estados Unidos. O resultado de sua obra poética lembra o trabalho de músicos que, separados, preservam sua individualidade, e quando juntos em orquestra apresentam-se em harmonia perfeita.

Com seus textos teóricos não é diferente. Em *The Body of Poetry. Essays on Momen, Form, and the Poetic Self* (O corpo da poesia. Ensaaios sobre mulheres, forma e o “eu” poético), livro de ensaios publicado pela University of Michigan Press em 2005, Annie Finch abraça uma ampla lista de temas sem perder a unidade do livro, em que ela apresenta suas três faces: de poeta, de crítica e de tradutora.

Suas análises de poemas e de poesia em geral são o resultado de refinadas leituras do texto literário, e chamam atenção pelo poder de concisão próprio da escrita poética, o que lhe permite

¹ Mestre em Literatura Brasileira pela UFRJ, professor do Departamento de Letras Anglo-Germânicas da Faculdade de Letras da UFRJ (2005-2006) e atualmente professor do curso de Pós-Graduação em Língua Inglesa da Universidade Veiga de Almeida. Endereço eletrônico: vitoraamaral@yahoo.com

oferecer ao leitor um vasto número de informações relevantes em poucas linhas e com efeito surpreendente. Um exemplo é o curto capítulo sobre o recurso estilístico da repetição: “A repetição”, diz ela, “traz o leitor de sua bárdica e vicária posição literária para o mundo pré-verbal, inocente, pré-humano”. Sente-se, ao final de cada capítulo, o impacto da leitura de um poema.

Por falar em poemas, para onde quer que olhe o leitor, lá estará um – completo ou em fragmentos – para que ninguém se esqueça de que a protagonista do livro é a poesia. Emily Dickinson, H. D. (Hilda Doolittle) e W. H Auden são alguns poetas cujos versos coloreem os ensaios e fornecem elementos para sua atividade crítica da autora.

Para os leitores brasileiros, trata-se de um livro de revisitas e, certamente, de algumas descobertas. É momento para reencontrar-se com o conhecido poema “In a Station of the Metro” (“Numa estação de metrô”), de Ezra Pound, e para ser (re)apresentado a outros menos familiares, como o de Sara Teasdale, “Night Song at Amalfi” (“Serenata de Amalfi”), que ganhou tradução de Cecília Meireles para o português.

Alguns poemas da própria autora entremeiam-se com os ensaios como se transitassem pelo corpo do livro, como se o interrompessem oportunamente. O poema “A carol for Carolyn” (“Um cântico para Carolyn”), por exemplo, foi escrito em versos anfibracos, cuja dificuldade e raridade, como contou a autora em uma entrevista, pretende dar mostra de seu apreço pela poeta Caroline Kizer.

The Body of Poetry se fecha – ou antes, se abre – com o poema “Encounter” (“Encontro”), um soneto erigido em versos datílicos que figura na obra de Annie Finch com a importância de uma *ars poetica*. Nele, dois olhares que se fundem e abandonam a multidão para alçar um vôo poético criado com especial destreza. Eis um trecho:

Then, in the bus where strange eyes are believed to burn
down into separate depths, ours mingled, lured
out of the crowd like wings - and as fast, as blurred.

[No ônibus, olhos estranhos se deixam queimar
longe em distintos abismos - e os nossos se uniram
como asas informes e ágeis que ao vôo se abriram.]

Para Annie Finch, os padrões métricos menos comuns na poesia de língua inglesa devem

ser experimentados. Com os poemas citados acima, a poeta demonstra que o verso iâmbico (*iambic line*) não pode ser considerado o único propício a acomodar as construções poéticas do inglês. Annie Finch defende a existência autônoma dos demais versos. Ela rechaça a opinião segundo a qual os versos não-iâmbicos (*noniambic lines*) são apenas variações dos metros iâmbicos:

Essa noção vai de encontro aos meus ouvidos; tenho me deliciado com as diferenças entre ritmos desde criança, quando comecei a ouvir poesia. Imagine se alguém disser que toda música é realmente escrita no tempo 4/4 e que o resto não passa de ficções que devem ser reinterpretadas como variações deste. Seria um terrível empobrecimento para a música.

Seu apreço pela forma não restringe seus passos, mas aguça sua busca por formas novas. Para a autora, o “poema formal” (*formal poem*) “põe em evidência a natureza retórica e artificial da linguagem poética pela repetição contínua de padrões”. Em vez de estreitar as possibilidades do fazer poético com a adoção cega de antigos padrões, Annie Finch, como outros poetas de sua geração, optaram por enfatizar a forma do poema (seu corpo) antes pela inovação do que pela mera obediência a antigos modelos.

O “poema formal”, como ela o define, é um poema revitalizado: poema que se mostra como poema, sem vergonha de se deixar penetrar por seus artifícios. Aos padrões ela também se refere como “elementos da linguagem”. Não se trata, portanto, de impor este ou aquele modelo, mas de construir o poema pela repetição desses elementos, entre os quais estão a rima, o metro, o refrão, as assonâncias, as aliterações ou mesmo os espaços em branco.

The Body of Poetry também reproduz um manifesto intitulado “Omniformalism” (“Oniformalismo”). Trata-se de seis pontos, ou desejos (*desires*), que a autora elabora a quatro mãos com a poeta Katherine Varnes e que devem ser alcançados longe das “guerras” entre escolas. O objetivo de todo poeta deveria ser o de alcançar a beleza sem importarem as fontes onde possa ser encontrada. Qualquer disputa entre poetas que meramente tenham visões diferentes seria, portanto, um obstáculo à realização plena da criação poética.

Os desejos que as autoras apresentam no manifesto são: fisicalidade (*physicality*): os poemas se mover tridimensionalmente; permeabilidade (*permeability*): a poesia deve circular livremente entre escolas e culturas; estrutura (*structure*): o poema deve ser construído a partir de padrões familiares ou estranhos; laço (*kinship*): os poemas devem deixar marcas em seus leitores;

continuidade (*continuity*): escolhas diferentes não devem ser sinônimo de desentendimento; e mistério (*mystery*): queremos uma poesia que contenha algo que não possamos entender.

Merece destaque a importância que assume a tradição poética, em especial no que diz respeito à produção literária feminina. Annie Finch reproduz a resposta que deu a uma jovem poeta que lhe perguntara acerca da razão por que os homens são os principais formadores da tradição poética. Ela responde que "há séculos eles têm trabalhado arduamente para que seja assim, através dos atos de crítica capazes de criar linhagens poéticas". Na visão da autora, cabe às poetisas de hoje se afastarem da postura reticente e passarem a exercitar seu nascente poder literário para promover sua poesia através da crítica.

Annie Finch resente-se do fato de que muitas mulheres ainda hoje relutam em se dizerem poetisas e mostrarem seu trabalho. O paradigma é o contraste entre dois contemporâneos: Emily Dickinson e Walt Whitman. Enquanto a poetisa se comportava com timidez exemplar, apenas esperando que seus poemas fossem um dia descobertos, Whitman tomava o cuidado de ver sua obra publicada e devidamente resenhada. Como alerta a autora: "A crítica é para a poesia o que o ar é para o som: permite que se ouça".

Como tradutora da renascentista Louise Labé, Annie Finch demonstra o mesmo rigor e precisão que emprega no trabalho de poeta. Diz-se enganada quando percebe que um tradutor não é capaz de lhe oferecer a "experiência física do movimento do poema original". Não se poderia esperar menos de uma poetisa tão preocupada em resgatar a importância da forma, em exaltar a convivência com o corpo do poema. Quando questionada sobre o insistente pensamento segundo o qual as únicas traduções fiéis são as feias, restando às belas o título de infieis, ela declara com sobriedade que "a infidelidade necessária para traduzir os poemas de Labé não se assemelha ao adultério, mas a um leve flerte, um meneio de liberdade que percorre uma essência lindamente fiel".

Poeta independente, como prefere ser vista, Annie Finch leva para os ensaios as experiências com a criação literária. Pela sua diversidade e pelo alcance das opiniões apresentadas, *The Body of Poetry* é uma excelente porta de entrada para o singular universo de Annie Finch.

